

O declínio da lógica do todo, a pós-modernidade e a clínica contemporânea

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Tania Coelho dos Santos

RESUMO

Este estudo se dedicará a revisitar algumas narrativas da pós-modernidade com auxílio de autores que já avançaram nessa tarefa. Nosso propósito será o de destacar as características da posição subjetiva pós-moderna, ressaltando a incidência dela em diversos sintomas na clínica psicanalítica. Incrementaremos esta abordagem com as ferramentas de leitura associadas à teorização lacaniana acerca da lógica do todo, abordando as consequências psíquicas e sociais de seu declínio, em favor da ascensão da lógica do não-todo. As narrativas pós-modernas desmentem os princípios da ordem simbólica e engendram um novo imaginário social vinculado a insígnias identitárias que nos parece muito mais impotente para enfrentar o real sem sentido do desamparo originário e da não-relação sexual. Concluímos que a sociedade da informação, a mídia pós-moderna e suas replicações discursivas se tornaram um canteiro de suplências imaginárias diante da precariedade simbólica da adesão desmedida aos modos de gozo próximos à lógica não-todo.

Palavras-chave: Pós-modernidade; novos sintomas; lógica do todo; psicanálise.

ABSTRACT

The decline of the whole's logic, post-modernity and contemporary clinic

This study aims to revisit some post-modern narratives through the lenses of authors who have already taken an interest in this subject. Our purpose will be to highlight the characteristics of post-modern subjective position, highlighting its relevance in the construction of several symptoms in the psychoanalytic clinic. We will move forward in the subject with the reading tools associated to the lacanian theorization about the logics of the whole, approaching the psychic and social consequences of its decline, in favor of the rise of the logic of the non-all. Postmodern narratives question the principles of the symbolic order and engender a new social imaginary linked to identity insignia that seems to us much less capable of facing the real without sense of the original helplessness and sexual non-relation. In conclusion we understand that the information society, the postmodern media and the speeches they replicate have become a host of imaginary substitutes in the face of the symbolic precariousness of an unmeasured adherence to modes of enjoyment that function too closely to the non-whole's logic.

Keywords: Post-modernity; new symptoms; logic of the whole.

Neste estudo, buscaremos explicitar as características da posição subjetiva contemporânea a partir dos efeitos das narrativas pós-modernas no laço social e de sua incidência na clínica psicanalítica. Para circunscrever o campo da pós-modernidade e de seus discursos, nos apoiaremos em autores que já trouxeram relevantes contribuições sobre o tema. Daremos ênfase às teorizações de Lacan acerca da lógica do todo para mapearmos as consequências psíquicas e sociais de seu declínio, em favor da ascensão da lógica do não-todo. Como premissas, adotamos a tese de Coelho dos Santos (2016) de que essa posição subjetiva consiste essencialmente no desmentido da castração e de que ela é um efeito da destituição da função da autoridade simbólica que deveria transmiti-la.

Sobre os autores

F. L. G. O.
Universidade Federal do Rio de Janeiro
flavialanago@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5338-9417>

T. C. S.
<https://orcid.org/0000-0002-5360-7864>
Universidade Federal do Rio de Janeiro
taniacs@openlink.com.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Também de acordo com Coelho dos Santos (2016, 2019), uma clínica da civilização atual precisa levar em conta a rejeição às coordenadas simbólicas tradicionais da diferença geracional e da diferença sexual. O laço social pós-moderno é horizontal, igualitário e homogeneizante. Desde a Revolução Cultural de 1968, vem reduzindo essas diferenças a um traço constitutivo de um grupo identitário. Em lugar da cidadania baseada na igualdade de direitos e deveres, as narrativas pós-modernas se fixam na existência de segmentos da sociedade afetados por opressões históricas. Fazem isso fomentando um apelo a identidades rígidas, algumas delas às vezes baseadas em algum elemento psicopatológico – como os coletivos de anoréxicos e bulímicos –, ou, em outra vertente, até mesmo na apropriação de pautas que tocam em problemas relativos à disparidades socioeconômicas, como aquelas referentes aos direitos das mulheres, dos negros e dos LGBTQI+, que podem, paradoxalmente, estimular práticas segregativas ao defenderem aquilo que compreendem visar atingir a igualdade social. Desse modo, cria-se um verdadeiro imbróglio que pode prejudicar uma abordagem mais eficaz de temas relevantes ao fortalecimento do laço social.

A mentalidade pós-moderna nasce depois da era de Ouro, nos anos de 1950, com a consolidação da era pós-industrial que ensejou a abundância no acesso a bens de consumo, assim como da busca por compensações reparadoras dos traumas da Europa desgastada por duas guerras mundiais. Com base na pesquisa de historiadores como Hobsbawn (2016, cit. por Coelho dos Santos, 2019) e Judt (2007, cit., por Coelho dos Santos, 2019), verificamos as consequências das perdas impostas pelas duas guerras mundiais, do reflorescimento espetacular da economia e do impacto da sociedade da informação sobre o *pathos* revolucionário que domina as narrativas pós-modernas. Parece se generalizar uma narrativa que abrange muitos indivíduos que não fazem necessariamente parte de nenhuma minoria, mas acreditam que foram prejudicados. Prevalece a crença de que existe um Outro da cultura que lhes fez mal. Esse Outro mau é considerado autoritário pois, com seus critérios e papéis tradicionais baseados nas diferenças sexuais e geracionais, inibe o direito de cada um de se autodefinir e de ser feliz.

De acordo com Lasch (1978/1983), a intolerância à renúncia e o culto à liberdade de agir livremente ao sabor dos impulsos foram cultivados na sociedade de consumo sob o imperativo de desfrutar de todos os objetos de satisfação disponíveis no mercado. Resta saber se a desconstrução da ordem simbólica tradicional contribuiu para fortalecer os indivíduos na luta pela vida e pela autorrealização ou se, ao contrário, favoreceu a multiplicação de sintomas do fracasso em ligar a pulsão à cultura. Depressões, compulsões, inibições, transtornos identificatórios e de humor, transtornos alimentares, síndromes do pânico crescem e parecem traduzir um medo generalizado da vida, o sentimento de vitimização, uma incapacidade

acentuada de enfrentar o desamparo e a reivindicação de ser tratado como exceção. O novo imaginário social, conforme pretendemos demonstrar, pode ser muito mais impotente no enfrentamento do real sem sentido do desamparo originário e da não-relação sexual. O vazio já não sustenta a causa do desejo e o recalque não simboliza mais a impossibilidade do gozo absoluto. Os revestimentos simbólico-imaginários dos mitos, das ficções e enredos – elaborados ao longo do árduo trabalho civilizatório para extrair da dimensão pulsional a força libidinal para a manutenção das raízes inconscientes das parcerias humanas – foram desmoralizados.

A DETERIORAÇÃO DA FUNÇÃO DO UM NA PÓS-MODERNIDADE: O DECLÍNIO DA LÓGICA DO TODO

Em seu livro *História da sociedade da informação*, o sociólogo francês Armand Mattelart (2001) observa que o projeto iluminista foi guiado pela utopia comunicacional de pleno intercâmbio de saberes comuns que pudessem ser reguladores da coesão social. A modernidade se alicerça na concepção de que a razão seria o instrumento por excelência de elaboração de valores universais que contribuiriam para a prosperidade de todos. O estatuto científico do número e das fórmulas matemáticas na elucidação da estrutura dos fenômenos físicos se apoiariam em uma nova metafísica que se estabelece com um inédito exercício do pensamento. Com os primados da dúvida cartesiana e da dedução lógica, todo saber é potencialmente um saber em questão, evanescente, do qual nunca se pode obter a última palavra. No entanto, essas correntes que despontam no século XVIII preservaram o princípio da submissão a uma autoridade simbólica exterior e transcendente, tentando ajustá-lo à capacidade humana de discernimento. A defesa dos direitos humanos e sociais fundamentais é formalizada juridicamente pelos Estados democráticos e liberais em suas constituições. Seu contrapeso é a própria organização coletiva: “o direito de um termina quando começa o direito do outro”. Trata-se de um sujeito kantiano que se pergunta sobre o que pode saber, o que deve fazer e o que pode esperar, submetendo sua liberdade crítica a uma moralidade que coloca uma importante estaca ética no egoísmo pulsional das tendências narcísicas.

Sobre o destino dessa racionalidade científica no século XX, precisamos considerar os efeitos das duas guerras mundiais na economia, nos costumes, nas tecnologias e nos ideais no Ocidente. A propaganda foi a estratégia usada pelos governos durante a Primeira Guerra Mundial para justificar o envolvimento dos países nos conflitos, recrutar homens e conseguir financiamento. Sondagens e indicadores de opinião permitiram a elaboração das estratégias de saída da crise estabelecida pelo *New Deal*. As técnicas de *marketing* se instalam progressivamente como instrumento de gestão do consumo na democracia de massas. No ano

de 1939, foi implementado o *audimeter*, a primeira medida de audiência. Após a Segunda Guerra Mundial, o paradigma tecnoinformacional emerge com uma sofisticação jamais vista. As tensões geopolíticas consagraram a chamada “segunda revolução industrial”. Um novo impulso foi dado no surgimento de máquinas inteligentes no meio militar, visando desde a decodificação da correspondência do inimigo até a construção da bomba atômica. O computador ganha *status* de máquina universal, teoricamente apto para resolver qualquer problema formulado de modo sistematizado, matematizado e reduzido a um algoritmo. Em 1965, Washington propõe aos “países do mundo livre” o primeiro sistema de comunicação global, o Intelsat (*International Telecommunications Satellite Consortium*). No início dos anos 1970, com o fim da corrida espacial e a aproximação americano-soviética, a conversão civil das tecnologias servirá de suporte ao *slogan* da “revolução das comunicações” (Mattelart, 2001). O novo universalismo se impõe com a popularização do acesso à internet mais expressamente a partir dos anos de 1990 e com o crescimento, nas últimas décadas, da visibilidade das redes sociais e das mídias virtuais no espaço público.

No plano das mentalidades, essa trajetória é correlata ao enfraquecimento das grandes narrativas que, na época moderna, forneciam estofos para a legitimação da ciência moderna como saber. O filósofo francês Jean-Claude Lyotard (1986) foi o pioneiro na reflexão sobre o que ele chamou de “a condição pós-moderna”, propondo que essa é a pedra de toque da pós-modernidade. O declínio das narrativas universais relativiza balizas centrais da modernidade, tais como os de razão, sujeito, totalidade e verdade. Essa perda de credenciais simbólicas incide na decomposição da atração outrora exercida por versões do grande Outro, tais como os polos formados pelos Estados-Nações, pelas instituições e pelas tradições históricas. A fina conexão entre o simbólico e o real, característica da vocação científica como atitude frente aos enigmas do mundo, presume uma posição que se funda na “vida do espírito”, em referência a uma metódica e “sagrada” atividade de pensamento.

Lyotard assinala ainda que uma peculiaridade do funcionamento pós-moderno é o desejo de projetar algo que não pode ser apreendido pelo pensamento conceitual. Ele denomina essa inclinação como um “impulso para o sublime” (Connor, 1989, p. 24). Trata-se de uma pura vontade de desestruturar que vai muito além do estilo dadaísta ou surrealista. Obras como as de Deleuze e de Foucault são representativas desse gosto pela libertação das ilusões do pensamento metafísico, pelo relativismo moral em proveito da liberdade desregulamentada e “nômada” da pura diferença. Busca-se o desconfinamento dos paradigmas ultrapassados e sua aplicabilidade em benefício de formas exóticas de ilogicidade (Connor, 1989). A noção de “desordem”

é rediscutida por uma perspectiva não-cartesiana e não-kantiana, eliminando-se as diferenças epistemológicas entre os procedimentos científicos e os procedimentos políticos (Barbosa, 1895). Qualquer orientação no campo do saber se torna suspeita de mascarar uma injunção opressiva. Acredita-se que toda ordem é desconstruível. O recurso a um princípio ordenador exterior ou de uma chancela final deixa de ser admitido.

O desmantelamento da autoridade cultural do Ocidente e de suas tradições políticas e intelectuais é coexistente com a abertura do cenário político mundial às diferenças culturais e étnicas favorecidas pelo largo alcance da tecnologia informacional. Também é concomitante ao desenvolvimento de instituições de conhecimento no final do século XX, como universidades, escolas, organizações editoriais e vários ambientes de produção cultural que se coadunam com a ficção pós-moderna. Semeia-se uma atmosfera que põe ênfase na impossibilidade da representação e na liberdade irrestringível do leitor. Cresce a intolerância à hierarquia, à conclusão narrativa e ao desejo de representar o mundo (Connor, 1989). O desencantamento com o realismo epistemológico também é o desencantamento com a figura do intelectual como aquele que encarna com propriedade a envergadura dos parâmetros clássicos de investigação como porta de acesso à verdade. Pelo contrário, muitos daqueles que poderiam encarnar essa função se dedicam a cooperar na vanguarda bélica que se põe a induzir movimentos desestabilizadores da ordem simbólica.

Lasch (1978/1983) aponta que essa cartografia repousa sobre o paradoxo de que os benefícios da expansão das tecnologias da informação, da melhora da comunicação em escala global, da ampliação e globalização dos mercados, da liberação dos costumes, assim como da multiplicação de centros de produção de conhecimentos não refinaram o tratamento científico do real pelo simbólico. Pelo contrário, o atrofiaram e conduziram à inflação do imaginário, ao imediatismo, ao culto à imagem de si, à hostilidade em relação ao passado e a tudo que remete a princípios universais, históricos, míticos e transgeracionais. No entanto, o inconsciente do sujeito nunca deixa de estruturar a partir do discurso de seus Outros parentais. A constelação de significantes-mestres que constituem os semblantes e as representações do ideal do eu na vida psíquica evidenciam como a pulsão só pode encontrar no laço com o Outro uma orientação para o gozo. Lacan (1972-1973/2008) assinala:

O Outro, o Outro como lugar da verdade, é o único lugar, embora irreduzível, que podemos dar ao termo ser divino, Deus, para chamá-lo daquele nome, para chamá-lo por seu nome. Deus é propriamente o lugar onde, se vocês me permitem o jogo, se produz o deus-ser – o deuzer – o dizer. Por um nada, o dizer faz Deus ser. E enquanto se disser alguma coisa, a hipótese Deus estará aí. (p. 51)

O fato de sermos desamparados e despreparados ao nascer nos submete a dívida simbólica, pois é graças ao discurso do Outro que a angústia dessa precariedade para o exercício da autonomia pode ser contornada. É preciso um Outro ao qual possamos supor um saber que confira peso às relações entre as palavras e as coisas. O Nome-do-Pai é um operador estrutural que conferia consistência e coesão ao sentido da vida. A perda da centralidade do sistema religioso monoteísta judaico-cristão e o advento da ciência moderna contribuem para a progressiva invisibilidade de sua função. Coelho dos Santos (2018) destaca o papel das tradições bíblicas baseadas na supremacia divina, na redenção dos pecados pelo caminho da fé na explicação da criação humana pelo viés do pecado original, do exílio do paraíso, da diferença entre os sexos e da curiosidade sexual como um fator ao mesmo tempo traumático e orientador. Ainda segundo a autora, o paradigma científico ou moderno não deixa de preconizar um laço à realidade que seja coletivizável e civilizado, servindo-se da ferramenta da razão. O último mito moderno é o complexo de Édipo. Ele explica os efeitos identificatórios das relações familiares e seus afetos. Explica o enigma da transmissão da diferença sexual, permitindo circunscrevê-la como resposta subjetiva, um modo particular de ser homem ou mulher, que pode se organizar a partir de um modelo apresentado pelo casal parental.

Uma das abordagens possíveis da pós-modernidade é a de que se trata de uma atitude de desafio e incredulidade contra essa trama explicativa. Nenhuma figura do Outro parece ser efetivamente merecedora dessas insígnias privilegiadas de um grande Sujeito norteador das significações da vida. Dufour (2005) remete essa decadência irreversível da credibilidade do grande Outro ao Holocausto. Segundo esse filósofo, a catástrofe ocorrida em Auschwitz, no coração da velha Europa, berço da cultura ocidental, inscreve uma trágica quebra no encadeamento discursivo:

Enquanto o crime cometido em nome da lei (os genocídios dos índios, por exemplo, ou o tráfico dos negros) permaneceu exterior ao território europeu, ele não feria em nada a autoridade dos grandes Sujeitos do Ocidente, muito pelo contrário; mas, quando o crime foi cometido no interior e conduziu à autodestruição da civilização européia, esses grandes Sujeitos se encontraram deslegitimados em bloco. Todos de repente apareceram apenas como terríveis ilusões sabiamente construídas que por fim nos conduziam apenas à mais desconcertante das antinomias, a que transforma – inverte, poderíamos dizer – a lei em crime e o crime em lei. (Dufour, 2005, p. 59).

A potência simbólica do Outro se torna radicalmente discutível e alvo de desconfiança. O desabamento dessa ficção relativiza a referência a uma figura oracular, a quem se pergunta, demanda e se objeta. Em sua leitura, Dufour aponta

que, como desdobramento dessa evasão prematura do campo ficcional do Outro com a recusa abrupta de qualquer mestria, os sujeitos se aproximam da psicotização, na medida em que buscam uma autonomia sem condições de alcançá-la em espaços anômicos.

Coelho dos Santos (2019) estuda as consequências da grande reconfiguração e reconstrução da Europa após 1950, com a melhoria do padrão de vida, das condições de trabalho, ampliação da democracia cultural, do *marketing* agressivo e do Estado previdenciário cada vez mais abrangente. Em contrapartida, o excesso de facilidades e a promessa de felicidade irrestrita entorpeceu a relação dos sujeitos com a dimensão essencial da falta como causa do desejo. Com os movimentos de maio de 68, observa-se na cena social o esforço infinitamente renovado de questionamento à ordem simbólica. Seus efeitos se traduzem em desautorização da função do Outro na transmissão dos valores socioculturais. A pós-modernidade seria a versão pós-industrial da luta de classes. O desmentido da castração se difunde como mecanismo psíquico predominante:

Nossa sociedade protagoniza uma incessante exigência de igualdade, uma recusa a toda e qualquer forma de autoridade, uma tendência exagerada a identificar agressores e vítimas, dominadores e dominados e a reclamar indenização pelos eventuais prejuízos que essas diferenças supostamente produzem (Coelho dos Santos, 2019, p. 27).

Os discursos pós-modernos desconstroem a função do Nome-do-Pai, na tentativa de esvaziar os semblantes que, graças a essa estrutura, permitem submeter a pulsão ao primado da significação fálica. Desmentem a lógica do Outro consistente que ancora os princípios universais nos circuitos dos complexos de Édipo e de castração. Como veremos, a chamada lógica do todo em Lacan é a lógica do Nome-do-Pai, da perfuração do imaginário pelo simbólico. Seu estatuto se coordena à eficácia da função do “ao menos um” paterno encarnando a exceção à castração. Essa matriz orienta as subjetividades, distribuindo os papéis sociais e os ganhos subjetivos de acordo com os lugares simbólicos.

A antropologia fantástica inventada por Freud (1913/1996a) em *Totem e tabu* situa em seu enredo mítico os princípios lógicos ordenadores da civilização: a interdição do parricídio e do incesto. O mito do pai tirânico da horda primeva supõe o primado das pulsões parricida e incestuosa. O assassinato do pai primordial pelos filhos unidos contra ele promove a simbolização do Nome-do-Pai (Totem) graças à renúncia ao parricídio e ao incesto. A convivência pacífica entre os irmãos é alcançada ao preço de uma perda: ninguém ocupará o lugar vazio deixado pelo pai morto. Ele se torna o guardião simbólico da interdição do incesto e, portanto, da falta de um

objeto absoluto de satisfação. A diferença sexual e a sucessão geracional têm origem na lei simbólica que se transmite graças ao sentimento inconsciente de culpa universal.

Os discursos pós-modernos desconstruem a modalidade tradicional de laço social ancorada na crença de que “existe ao-menos-um” que não está submetido à castração. O que justifica essa desconstrução da autoridade do Nome-do-Pai é a suposição de que ele é o operador simbólico em jogo nos aparelhos ideológicos que sustentam a divisão social do trabalho injusta e as desigualdades econômicas que o sistema capitalista engendra. A destituição da função simbólica do Nome-do-Pai, ao contrário do que seria desejável, só expõe os indivíduos à maior voracidade pulsional tão incentivada pela sociedade de consumo. Sem o peso do mecanismo do recalque, a pulsão de morte avança sem freios.

A sexuação masculina, de acordo com Lacan (1972-1973/2008), depende exclusivamente da função simbólica do pai morto. O *phallus* é o seu representante, pois é o significante da diferença sexual e sua função simbólica consiste em manter recalcado o objeto incestuoso. O desprestígio do Nome-do-Pai e do significante fálico conduz à recusa da diferença sexual expondo o objeto causa do desejo a uma perigosa dessimbolização. As narrativas pós-modernas ensinam a insatisfação histórica e a caça ao mais-de-gozar que o capitalismo desperta. Neste artigo, vamos correlacionar as narrativas pós-modernas à predominância do lado feminino da sexuação, num esforço para situar a hegemonia da lógica do desmentido da castração e suas bandeiras políticas inspiradoras de políticas identitárias em nome de minorias. Os meios de comunicação contribuem para a difusão de novos significantes-mestres pluralizados que aprofundam a desconstrução de princípios universais e alimentam esse robusto imaginário de grupos ou tribos.

O ESTATUTO DO FALO PARA A PSICANÁLISE E SEUS DESTINOS NA ÉPOCA ATUAL

A tradição é um poderoso aparelho que permite organizar a nossa sexualidade e interpretar as exigências da vida graças à transmissão de uma interpretação do mundo. De acordo com Lacan (1956-1957/1995), ela provê os instrumentos simbólicos que são como uma bússola civilizatória para a espécie humana. Não é possível reinventar a roda a cada geração. Por essa razão, a transmissão das coordenadas simbólicas que permitem aparelhar o corpo em benefício da reprodução da espécie é crucial. Com essa transmissão um novo sujeito pode advir em consequência da sua divisão entre consciente e inconsciente, do recalque do gozo incestuoso, no campo da fala e da linguagem. Nascemos anatomicamente meninos ou meninas. O Outro nos nomeia, declarando simbolicamente que estamos destinados a vir a ser alguma coisa que o nome

próprio antecipa. Tornar-se homem e mulher requer identificar-se ao gênero que convém ao seu sexo anatômico. De acordo com Coelho dos Santos (2008), Lacan foi um realista, porque os representantes da autoridade podem ser destituídos, mas a autoridade da estrutura, do significante mestre, não pode sofrer o mesmo destino:

De que real se trata no realismo lacaniano? Antes de tudo, o da castração. Lacan recomenda consultar o Gênesis, pois encontraremos nas escrituras o seguinte fundamento da castração: Deus os criou homem e mulher. Ao nomeá-los assim, o real da diferença sexual, surge do corte operado pelo discurso. O passo seguinte de Lacan é vincular esse real ao impossível em jogo no surgimento da lógica matemática. A consistência lógica depende de um ponto indecidível, impossível de representar, sobre o qual não é possível dizer se é verdadeiro ou falso. (p. 188)

Chamamos de sexuação o processo pelo qual uma criança apropria-se da significação do falo. O que a criança consegue apreender sobre a diferença anatômica entre os sexos está no campo da imagem: a presença ou a ausência do pênis. A função da ereção ou a função da vagina na reprodução sexuada permanece desvalorizada durante toda a infância. Essa é a razão do fracasso cognitivo da sexualidade infantil. Mas ela fracassa também porque o primeiro objeto de amor deverá ser abandonado tanto pelas meninas quanto pelos meninos. Ao pai cabe a função de interditor do incesto. Ele é a causa da ameaça de castração para o menino e da promessa de um substituto do pênis ausente para a menina. As crianças interpretam diferença sexual por meio da oposição entre fálico e castrado. Somente na puberdade elas alcançarão o reconhecimento da função biológica da vagina, da função lógica do vazio e poderão desfrutar das identificações masculinas e femininas. Apenas aí a significação do falo se produz na sua forma genital. Segundo Freud (1923/1996b):

Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamente, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero. (p. 161)

Freud (1923/1996b) mostra como a sexualidade humana enraíza-se no inconsciente ao reconhecer o primado da função do falo em sua experiência clínica no núcleo das fantasias neuróticas. As posições masculina e feminina exigem esse complexo trabalho psicológico que lastreia uma identificação ao ideal do seu sexo. O gênero designa uma posição sexuada, um modo de gozo do falo. Para o menino, trata-se de fazer semblante de que tem o falo. Para a menina, trata-se de

ser o falo. Assim o par imaginário fálico-castrado pode ser ultrapassado pelo *mise en scène* dos semblantes, em uma ação mais metaforizada desses papéis no jogo sexual, levando em consideração a impossibilidade real de equivalência dos corpos sexuais.

Seguindo o caminho de Freud, Lacan (1956-1957/1995) postulou o falo como significante do desejo e da diferença sexual. Ao longo de seu ensino, articulou o tema do falo aos conceitos de objeto *a*, de semblante e à lógica da sexuação pelo todo ou pelo não todo fálico na elucidação das posições masculina e feminina. Destacamos um primeiro ponto: o significante falo indica uma interpretação do lugar do Outro mediada pelo amor ao Pai. Grande parte do primeiro ensino de Lacan descortina esse modo de apresentação do Outro enquanto o suposto detentor do falo, veiculador da castração. Esse laço entre a linguagem e a sexualidade fundamenta a ação pacificadora do simbólico sobre o real por meio do programa de gozo sexual.

Lacan (1956-1957/1995) aborda os primórdios da subjetivação da falta de objeto indicando circuito é governado inicialmente pelo falo enquanto significação imaginária e positivada do desejo da mãe. Na tentativa de tamponar a falta materna, a criança se identifica especularmente com o seu objeto de desejo, almejando ser o falo em sua vertente imaginária. O desejo da mãe revela o lugar da criança como candidata à solução para a falta feminina. Mas o movimento desejante da mãe enquanto sujeito inscreve a impossibilidade inerente à demanda fálica, avalizando a efetividade do falo enquanto símbolo da falta do Outro. No registro da castração simbólica, o falo desliza de objeto imaginário do desejo da mãe a significante do desejo do Outro. Seu efeito é o da negativização do falo imaginário ($-a$), o qual se torna uma reserva libidinal não representável. A dialética de ser ou não ser o falo é sobreposta pelo interesse em ter e manter o falo. Para que o pai real encarne esse operador da Lei simbólica, é preciso que lhe seja conferido o lugar de exceção à castração, de posse imaginária do falo. Esse lugar privilegiado o mantém como representante do Outro simbólico. Nessa condição, o objeto é transportado para o plano significante (Φ), sendo impossível negativizá-lo.

Portanto, apesar de seu enraizamento no real pulsional e no investimento narcísico-imaginário no pênis, a função simbólica do falo só logra êxito no fim da trajetória edipiana. O sujeito se relaciona com a vida através do falo simbólico, afastando-se de suas origens nos próprios impulsos vitais que caracterizam a pulsão. Lacan (1958/1998) assinala que o falo instaura a posição do sujeito do inconsciente, barrado. A condição de objeto do gozo do Outro é, assim, relativizada. O sujeito é intimado a abdicar da naturalidade do corpo e de seu ser como pura substância gozante. Com o recalque desse modo de satisfação, criam-se condições subjetivas para sua identificação ao tipo ideal de seu sexo, para a resposta à

sexualidade em termos de relação “genital”. É desse modo que a sua função permite a ascensão dos semblantes masculino e feminino, como modos de gozo fálico. Lacan definiu o falo como “o significante privilegiado dessa marca onde a parte do *logos* se conjuga ao advento do desejo” (1958/1998, p. 699). O termo *logos* evoca três acepções no grego: linguagem, discurso e razão matemática (Rabinovich, 2005). Inserir um limite ao gozo pelo viés sexual acrescenta uma *ratio*, isto é, a medida comum, universalizável, para além da língua materna, dando razão ao desejo (Lacan, 1958/1998). O falo define os efeitos possíveis de significado, estancando o relançar metonímico e infundável dos deslizamentos de significações em proveito dos sentidos e semblantes já estabilizados de acordo com as bases simbólicas convencionadas.

Quando o Outro não alcança capitanear a transmissão da significação fálica, falha a transmissão da ordem simbólica que organiza as relações com o imaginário e o real e o sujeito em vias de advir ficará desprovido de mediações simbólicas para escapar das amarras das relações narcísicas. Sem uma estrutura transcendente, o sujeito não encontra sua responsabilidade frente à manutenção da civilização e da cultura. As narrativas pós-modernas atacam a ordem simbólica acusando-a de falocêntrica. Contribuem para exacerbar a fixação infantil à posição de falo imaginário da mãe e conduzem a soluções perversas. Para Lacan (1956-1957/1995), a rigidez do narcisismo torna difícil suportar uma realidade que se oponha à obstinação de completude. Por diplopia, o sujeito desmente o encontro com o real da castração, fabricando um mundo onipotente com a criação de um objeto fetiche que freia a interdição da satisfação do fantasma materno. Assegurar o Outro consistente, ou a mãe fálica, engendra o alto custo da ameaça constante de devoração. O laço com o Outro é invasivo, por ser parasitado por um excesso de gozo feminino para além do falo, apresentado sem contornos no nível do desejo da mãe.

Sustentamos, assim, que a transmissão dessa significação do falo é prejudicada pelas narrativas pós-modernas que teimam em desconhecer o valor da dívida simbólica ente as gerações. Trata-se de um enorme retrocesso cultural acreditar que o gênero é alguma coisa que desponta espontaneamente, em conformidade ou não com o sexo, sem a intervenção do grande Outro. Reduzir a significação do falo a um mero acessório de poder, a uma fonte de dominação masculina, instrumento de perpetuação perversa de regimes patriarcais, destrói a transmissão da lógica do todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RECOMPOSIÇÕES DO UM E SEUS DESAFIOS PARA A CLÍNICA

A constante incitação ao gozo alimentada pelas narrativas pós-modernas produziu uma mudança na forma como se apresentam os sintomas. Em lugar das tradicionais

formações do inconscientes típicas das neuroses modernas, os novos sintomas se reduzem a transtornos pulsionais desprovidos de significação. Não há o que interpretar, são pura desregulação do gozo do corpo. Sem a significação fálica, a falta no Outro não se representa por meio da divisão do sujeito, deixando-o suscetível às desregulações pulsionais tais como as melancolizações, impulsividades e compulsividades. Os sentimentos de estar vivo e a experiência subjetiva de consistência simbólica ficam comprometidos. Estratégias discursivas pós-modernas constroem-se a partir de certezas absolutas cuja retórica é impositiva e não admite dialetizações. Alguns exemplos são o discurso politicamente correto e também os discursos de grupos ditos minoritários que promovem fixações identitárias. São discursos que segregam o indivíduo e conduzem a polarizações radicalizadas com os discursos tradicionais levando a construção de um Outro mau. A cultura e a civilização são apresentadas como produtos da manipulação ideológica perpetrada por uma ordem dominante e opressora. Os lugares ocupados por autoridades são tratados como suspeitos de encarnarem poderes ilegítimos que se constituíram com os priores propósitos e através de procedimentos mentirosos e violentos. Os discursos que ratificam essa versão devastadora do lugar Outro simbólico parece corresponder, fantasmaticamente, à comprovação de que Deus é mau e narcisista, manobra que é, como indica Žižek (2015), capaz de desconcertar mais do que atestar sua simples inexistência.

Uma investigação mais profunda da estrutura das narrativas pós-modernas pode ser uma poderosa ferramenta para abordar o diagnóstico e o tratamento das neuroses contemporâneas. Um esforço clínico de diferenciação das psicoses ordinárias, cuja manifestação clínica não envolve a formação de delírios, e outro quadro muito mais comum que é a doença da mentalidade (Coelho dos Santos, 2019), uma espécie de vacilação identificatória que desencadeia fenômenos muito semelhantes aos das novas psicoses. É preciso debruçar-se sobre os efeitos da sociedade da informação em tempos crescimento acentuado das redes sociais que contribuíram para repercutir e multiplicar as ressonâncias da mídia pós-moderna. É nesse território que encontraremos o solo onde florescem as suplências imaginárias que se erguem ante a precariedade simbólica que a adesão aos modos de gozo do corpo e dos objetos amorosos dentro de uma nova lógica que não é mais a lógica do todo. Os significantes-mestres veiculados pela mídia contemporânea tendem a capturar os sujeitos em identificações que engessam um laço com o saber, privando esse laço do lastro na verdade inconsciente de cada um. Como pensar os efeitos de autonomia e influência da lógica do não-todo na pós-modernidade para uma clínica cada vez atravessada por esses fenômenos? Essas ponderações nos conduzem a aprofundar o tema da sexuação feminina em Lacan, interrogando a vertente da lógica do não-todo

cuja complexidade e potência podem nos ajudar a formular diagnósticos clínicos mais apurados dos novos sintomas típicos da condição pós-moderna.

FINANCIAMENTO

O estudo relatado no manuscrito foi financiado pela Bolsa de Pós-Doutorado da primeira autora (PNPD-CAPES, prot. 88882.316720/2019-01) e pela Bolsa de Produtividade 1C em Pesquisa da terceira autora (CNPq, prot. 306311/2017-8).

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

FLGO contribuiu para a conceitualização, investigação e redação inicial do artigo; TCS contribuiu para a conceitualização, investigação e redação final do artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Barbosa, W. V. (1895). Prefácio: Tempos pós-modernos. In J.-F. Lyotard (Ed.), *A condição pós moderna* (pp. vii-xiii). José Olympio Editora.
- Coelho dos Santos, T. (2008). Ciência e clínica psicanalítica: sobre o estruturalismo e as estruturas clínicas. *Revista Estudos Lacanianos*, 1, 187-198.
- Coelho dos Santos, T. (2016). O Outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19(3), 565-604. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003011>.
- Coelho Dos Santos, T. (2018). Natureza e cultura. Existe continuidade ou descontinuidade entre elas? *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 166-170. <http://dx.doi.org/10.17852/1809-709x.2019v13n26p166-170>.
- Coelho dos Santos, T. (2019). O que é e onde começa a pós-modernidade? In T. Coelho dos Santos, A. L. Santiago, & F. L. G. de Oliveira (Eds.), *Reconfigurações do Imaginário no Século XXI* (pp. 17-32). CRV. <http://dx.doi.org/10.24824/9788544444035.3>.
- Connor, S. (1989). *Cultura pós-moderna*. Edições Loyola.
- Dufour, D.-R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Companhia de Freud.

- Freud, S. (1996a). Totem e tabu. In S. Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-162). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996b). A organização genital infantil: uma interposição na teoria da sexualidade. In S. Freud, (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 157-200). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (pp. 692-703). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Imago. (Trabalho original publicado em 1978)
- Lyotard, J.-F. (1986). *A condição pós moderna*. José Olympio Editora.
- Mattelart, A. (2001). *História da sociedade da informação*. Editora Loyola.
- Rabinovich, D. (2005). *A significação do falo: uma leitura*. Companhia de Freud.
- Žižek, S. (2015). *O absoluto frágil, ou Por que vale a pena lutar pelo legado cristão?* Boitempo.

Data de Submissão: 11/08/2020
Primeira Decisão Editorial: 08/09/2020
Aceite em: 25/10/2020